

Poesia com mote

de Bocage

QUADRAS EM GLOSA DE VERSO ÚNICO

I

A negra fúria Ciúme.

GLOSAS

Morre a luz, abafa os ares
Horrendo, espesso negrume,
Apenas surge do Averno
A negra fúria Ciúme.

Sobre um sólio cor da noite
Jaz dos Infernos o Nume,
E a seus pés tragando brasas
A negra fúria Ciúme.

Crespas víboras penteia,
Dos olhos dardeja lume,
Respira veneno e peste
A negra fúria Ciúme.

Arrancando à Morte a fouce
De buído, ervado gume,
Vem retalhar corações
A negra fúria Ciúme.

Ao cruel sócio de Amor
Escapar ninguém presume,
Porque a tudo as garras lança
A negra fúria Ciúme.

Todos os males do Inferno
Em si guarda, em si resume
O mais horrível dos monstros,
A negra fúria Ciúme.

Amor inda é mais suave,
Que das rosas o perfume,
Mas envenena-lhe as graças

A negra fúria Ciúme.

Nas asas de Amor voamos
Do prazer ao áureo cume,
Porém de lá nos arroja
A negra fúria Ciúme.

Do férreo cálix da Morte
Prova o funesto azedume
Aquele a quem ferve na alma
A negra fúria Ciúme.

Do escuro seio dos fados
Saltam males em cardume:
O pior é o que eu sofro,
A negra fúria Ciúme.

Dos imutáveis destinos
Se lê no idoso volume
Quantos estragos tem feito
A negra fúria Ciúme.

Amor inda brilha menos
Do que subtil vagalume,
Por entre as sombras que espalha
A negra fúria Ciúme.

II

A minha Lília morreu.

GLOSAS

Assim como as flores vivem,
A minha Lília viveu;
Assim como as flores morrem,
A minha Lília morreu.

Assomando o negro dia,
Ave sinistra gemeu;
Cumpriu-se o funesto agouro:
A minha Lília morreu.

Desfalece, ó Natureza,
Acelera o fado teu;
Esta voz te guie ao Nada:
A minha Li lia morreu.

Fadou-me o caso medonho
Vate que nos astros leu;
Os vates são como os Numes:
A minha Lília morreu.

Que é do Sol? Que é do Universo?
Tudo desapareceu;
Foi-se toda a Natureza:
A minha Lília morreu.

A minha ventura e Lília
Num só laço Amor prendeu:
Moneu a minha ventura,
A minha Lília morreu.

Em parte da minha essência
Minha essência pereceu;
Não vivo senão metade:
A minha Lília morreu.

Oh, quanto ganhava o Mundo!
Oh, quanto o Mundo perdeu!
Doce lucro e triste perda!
A minha Lília morreu.

Para exultar o Universo,
A minha Lília nasceu;
Para os Numes exultarem,

A minha Lília morreu.

Meu coração desgraçado,
Desgraçado porque és meu,
Evapora-te em suspiros:
A minha Lília morreu.

As estrelas se apagaram,
A Natureza tremeu,
Os promontórios gemeram,
A minha Lília morreu.

Disse, ao ver sereno eflúvio,
Que o puro Olimpo correu:
Aquele é a alma de Lília,
A minha Lília morreu.

III

Instantes afortunados.

GLOSAS

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais desesperados:
Valei-me, instantes da Morte,
Instantes afortunados.

São muito mais que momentos
Os momentos desgraçados,
São muito menos que instantes
Instantes afortunados.

Dentre os Céus com alvas plumas
Lá nos séculos dourados,
Sobre a Terra, Amor, trouxeste
Instantes afortunados.

Estes instantes volveram
Aos puros, Elísios prados:
Já nem a inocência goza
Instantes afortunados.

Sinto de sorte à tristeza
Meus desejos costumados,
Que nem cobiço, nem sonho
Instantes afortunados.

IV

Um coração como o meu.

GLOSAS

Milhares de maravilhas
Tem Jove em tudo o que é seu,
Mas não tem nesse tesouro
Um coração como o meu.

Deste, Amor, à minha amada
Um semblante como o teu:
Amor, porque lhe não deste
Um coração como o meu?

V

Instantes afortunados.

GLOSAS

Sacrifiquei à beleza
Meus dias e meus cuidados;
Esperava em recompensa
Instantes afortunados.

Olhos da branda Manhã,
Olhos no Céu fabricados,
Minha fé vos merecia
Instantes afortunados.

Mas com meus duros destinos
Impiamente conjurados,
Negais à minha ternura
Instantes afortunados.

Ai de mim! Vós me pusestes
Na lista dos desgraçados,
Esquivando a meus suspiros
Instantes afortunados.

Uma vez compadecidos,
Porque não soltam meus fados
Dentre as cadeias do tempo
Instantes afortunados?

Não têm ditosos momentos
Os amantes extremados;
São para os amantes frouxos
Instantes afortunados.

Os prazeres sobre a Terra
Estão de angústias cercados;
Só no Olimpo se desfrutam
Instantes afortunados.

Alma, voemos da Terra
Para os orbes estrelados;
Gozem-se na eternidade
Instantes afortunados.

A vida é uma procela
Onde trovejam cuidados;
São relâmpagos da vida

Instantes afortunados.

Nestes mares da existência
Continuamente empolados,
São momentâneos Santelmos
Instantes afortunados.

Da beleza pende o gosto,
Mais poderosa que os fados;
Concede à mesma desgraça
Instantes afortunados.

Há momentos infinitos
Pela desgraça enlutados;
Escassamente reluzem
Instantes afortunados.

Ceptros, vós não dais venturas,
Sois temidos, venerados;
Mas quanto de vós se alongam
Instantes afortunados!

Ouçõ a voz do Desengano,
Ouçõ da Verdade os brados:
Não são partilhas cio mundo
Instantes afortunados.

Mortais, ide à Natureza,
Fugi dos tectos dourados;
Demandai nos livres campos
Instantes afortunados.

Ali o rápido tempo
Sobre peitos não manchados
Sacode das asas de ouro
Instantes afortunados.

Ali prazeres celestes
Sobre a Terra são gostados;
Convertem-se em natureza
Instantes afortunados.

À peste geral do mundo
Estão sumidos, vedados,
Nos corações inocentes,
Instantes afortunados.

A morte negros momentos
Traz à mente dos malvados;
Dos justos conduz à mente

Instantes afortunados.

Vivei vós, que em vãos prazeres
Andais na Terra enlodados;
Que eu busco em globo sublime
Instantes afortunados.

Face a face enrosto os Numes,
Revolvo arcanos dos fados;
Há para os vates somente
Instantes afortunados.

Quando no horror da desgraça
Vates estão sepultados,
Fabricam na fantasia
Instantes afortunados.

Tempo já Manha bela
Me deu risonhos agrados;
Vinde a mim por ordem sua,
Instantes afortunados.

Manha com mago riso
Me dá momentos dourados;
Ou tenha o tempo, ou não tenha,
Instantes afortunados.

Momentos do teu desprezo
São momentos agourados,
E os instantes de teus mimos
Instantes afortunados.

Tens os tesouros do tempo
Em teus olhos apinhados;
Ele, a teu sabor, desprende
Instantes afortunados.

Quando lateja um sorriso
Em teus beiços nacarados,
Chovem, c'roados de flores,
Instantes afortunados.

Se nos teus braços morresse,
Seriam por mim chamados
Os instantes da agonia
Instantes afortunados.

Quero contigo os instantes
Mais tristes, mais enlutados;
Com outra, meu bem, não quero

Instantes afortunados.

Aprende nos teus favores
Quando dos cofres dourados
Extrai a mão da Ventura
Instantes afortunados.

Aquele que Céus e Terra
Do nada tirou formados
Foi maior quando criou
Instantes afortunados.

DÉCIMAS EM GLOSA DE VERSO ÚNICO

I

Deliro entre susto e dor.

1ª GLOSA

De que aproveita a razão
No estado em que me diviso?
Ai de mim! Que é o juízo?
Flagelo do coração.
Não, não pode a reflexão
Repelir o activo amor;
Contra ele não tem vigor,
O seu esforço é baldado,
Não por fraqueza, por fado
Deliro entre susto e dor.

2ª GLOSA

ao mesmo verso

São todos os meus instantes
Instantes de atra agonia;
Para mim, a noite e o dia
São tristes, são semelhantes;
Venço todos os amantes
Nos extremos, no temor;
Os mais alenta o favor,
A mim não me dá descanso;
E, quando mimos alcanço,
Deliro entre susto e dor.

II

IMPROVISO À MORTE DE SÓCRATES

Terá fim, mas não sei quando.

GLOSA

Sócrates, rei da Razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte à extrema luta
Não lhe treme o coração:
Suportou-lhe a gradação
Com um ar sereno e brando;
Dos discípulos ao bando
Disse: «Eu morro, e não me queixo;
E a memória que vos deixo
Terá fim, mas não sei quando.»

III

Quem pode deixar de amar?

GLOSAS

Amor, doce flama acesa
Nos Céus pela mão de Jove,
Agita, transporta e move
O seio da Natureza:
O leão despe a braveza,
Se o vem leoa amimar;
No salso bojo do mar
Arde o mudo nadador;
O mundo todo é amor;
Quem pode deixar de amar?

Lília se vê génios duros,
A atacá-los se resolve,
E co'um ar mágico volve
A eles os olhos puros.
Eis que vê soberbos muros
Sobre a terra baquear;
Lília, depois de ganhar
Imensos louros, que ajunta,
Com um sorriso pergunta:
«Quem pode deixar de amar?»

Perguntei à Natureza,
No seu alcácer sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infectava a redondeza.
Ela, que meus cultos preza
E me franqueia o altar,
Respondeu-me a prantear,
Exalando um ai ansioso:
*«Ah! É o mais criminoso
Quem pode deixar de amar.»*

Mandou o Supremo Autor
Ao mundo esta paixão doce,
Para que alimento fosse
Da térrea máquina Amor.
De tudo se fez senhor,
Em tudo erigiu altar;
Quem a Amor pretende obstar
Transgride uma lei divina;
E o fim do mundo maquina
Quem pode deixar de amar.

IV

Anália terna e constante.

GLOSAS

No triste império da Morte
Vagueei já turvo dia;
Eis que em minha alma sentia
Um desusado transporte:
Tu, que reges minha sorte,
Que sempre me está diante,
Oh!, feliz o teu amante
Quando baixar ao jazigo,
Se repousares comigo,
Anália terna e constante!

Consta o bem da humanidade
Em objectos mui dif'rentes;
Alguns existem nas mentes,
Outros vivem na verdade:
Estes, que têm dignidade,
Dá-os ciência brilhante;
Outros, um grau triunfante,
Palma, louvor, glória, louro;
Mas inda há maior tesouro:
Anália terna e constante.

Entre os teus mimos e a vida
Não acho nenhum espaço;
Desate-se aquele laço,
Se esta prisão for partida;
A minha alma, sempre erguida
Numa ideia relevante,
Não imita indigno amante
Que aspira a ténue prazer:
Ou possuir-te ou morrer,
Anália terna e constante.

Iremos ambos unidos
Onde nossas almas voam,
Ou onde os prazeres soam,
Ou onde soam gemidos:
Ambos seremos punidos,
Feliz um, e outro amante;
Soará no Céu brilhante,
Soará no escuro Inferno,
Josino constante e temo,
Anália terna e constante.

A natureza corrupta
É objecto ante que tremo;
Nem padece mal supremo,
Nem bem supremo desfruta;
Ora o vício amado enluta
Esta máquina ambulante,
Ora a virtude anda errante
Entre temor e incerteza;
Ah!, corrige a natureza,
Anália terna e constante.

V

És glória da Natureza.

GLOSAS

Jove, o soberano Jove,
Ante quem tudo é pequeno,
Esse, que co'um leve aceno
O mundo e as estrelas move,
Esse, que ora os raios chove,
Ora anima a redondeza,
Pasma na tua beleza
Por cem raras qualidades;
És íman das divindades,
És glória da Natureza.

Tu não tens um só momento
Em que dêes o galardão
Ao que vale o coração,
Ao que vale o pensamento.
Não achas merecimento
Num ai, ou numa fineza;
És exemplo da dureza,
Modelo de um peito ingrato,
E inda em tal desacato
És glória da Natureza.

VI

Dobra o joelho a Razão.

GLOSAS

Um Deus é supremo autor
Do Globo, do Céu e Lua,
E a Razão, ministra sua,
Tem parte em seu resplendor;
Porém, quando o encantador
Princípio de áurea prisão,
Que cinge o meu coração,
Presenta os encantos seus,
No Olimpo estremece um Deus.

Dobra o joelho a Razão.

Enquanto da formosura
O encanto se não observa,
Livre a Razão se conserva,
Tranquila, serena e pura;
Mas quando o Céu se afigura
Em humana perfeição,
Quando se forja o grilhão
Tão funesto à liberdade,
Inda sendo divindade,
Dobra o joelho a Razão.

VII

A glória deste animal.

GLOSA

Deuses, que lá nessa altura,
Que lá nessa imensidade
Onde tudo é claridade,
Onde tudo é formosura,
Gozais suprema ventura
À eternidade igual,
Quando a vista divinal
Vós lançais ao mundo tosco,
Vereis ombreia convosco
A glória deste animal.

VIII

Amor depende de nós.

GLOSA

Amor tem suma grandeza,
Goza inúmero troféu;
Tanto brinca com o Céu,
Como co'a vil redondeza;
A deidade e a natureza
jamais a ele se opôs;
Tudo escuta a sua voz,
Tudo a seu jugo é ligado;
Mas, para ser adorado,
Amor depende de nós.

IX

Lília geme, Lília chora.

1ª GLOSA

De Lília o doce amador,
O seu objecto querido,
Jaz, ó Fados!, jaz sumido
No abismo do eterno horror;
Com seus frecheiros Amor
O triste caso deplora;
E, qual em nuvens a Aurora
Fecha o rosto divinal,
Sobre a campa funeral
Lília geme, Lília chora.

2ª GLOSA

ao mesmo verso

Nasceu Lília; a Natureza
Soltou por tudo alegria.
Cresceu Lília; eis veio um dia
Em que tudo foi tristeza:
A face da redondeza
Eis vasto incêndio devora,
E soando a toda a hora
Ais, queixumes, gritos, prantos,
Sentida de seus encantos,
Lília geme, Lília chora.

X

Amor a amor nos convida.

GLOSA

Com dura e branda cadeia,
Com facho activo e suave,
De seus mistérios co'a chave,
Amor entre nós volteia:
Já deprime, já glorieia,
Já dá morte, já dá vida;
E nesta incessante lida,
Que em si traz, que em si contém,
Com o mal, e com o bem,
Amor a amor nos convida.

XI

Amor em Baco se acende.

GLOSA

Salvé, divino licor,
Com que a tristeza se acalma;
Tu és porção da minha alma,
Pois Baco é parte de Amor;
Unido de ambos o ardor
Das angústias nos defende;
Quanto as anseia, as ofende.
Minha alma de si derrama;
Baco em o amor se inflama,
Amor em Baco se acende.

XII

Do meu Mirtilo a saudade.

GLOSAS

Não chores, coração meu.
A mágoa que te assaltou;
A imensidade ganhou,
E o quase nada perdeu:
O que é de um Númen é seu;
Inda a par da Divindade
No cume da Eternidade
Bebe a luz do Paraíso;
Mortais, converta-se em riso
Do meu Mirtilo a saudade.

O Letes, rio fatal
De margens secas e nuns,
Confunde nas águas suas
Memórias do bem. do mal:
Eu, ainda que mortal,
Não pago à fatal deidade
O feudo da humanidade;
Bem que, ó Sorte, o não prometes,
Levarei além do Letes
Do meu Mirtilo a saudade.

Não dou a Mirtilo incensos,
Ante seus manes não desço
Ao chão, porque só ofereço
Tal culto aos Numes imensos:
Porém affectos intensos,
Cordial sinceridade,
Doce pranto à amizade
Que não tem, nem terá fim,
Estio demonstrando em mim
Do meu Mirtilo a saudade.

Em serras se afofa o ar,
Estoira a rocha em gemidos.
E estio medrosos ouvidos
Ao longe a titubear:
De nuvens se peja o ar.
Morre a solar claridade;
De alma terna amenidade
Desbota funérea tinta:
Ah! Justos Céus! Tudo pinta
Do meu Mirtilo a saudade.

Não só Ais tempos modernos
Meu louvor afouto igualo;
Com Grécia, com Roma falo,
Falo com Céus, com Infernos:
Meus elogios eternos
Lanço pela imensidade;
Entro numa e noutra idade,
Por vários séculos entro,
E em todos eles concentro
Do meu Mirtilo a saudade.

XIII

Meigos sorrisos de amor.

GLOSAS

A minha imaginação,
Escura sempre e funesta,
Males sobre males me empresta
Ao mísero coração:
As amarguras estão
Com o dente roedor
Cercando esta alma de horror;
Eu morro, acabo infeliz,
Se acaso não me acudis,
Meigos sorrisos de amor.

Lília, mais bela que as flores,
Mais bela que o Paraíso,
Depois de dar-me um sorriso,
Me deu mil encantadores:
De delicias precursores,
Ternos mimos inda em flor
Me fizeram sabedor
De arcanos; já, já conheço,
Já, já sei que não têm preço
Meigos sorrisos de amor.

Habito ameno desvio
Da gente, e vícios também;
Este lugar flores tem,
Tem um vale, e tem um rio:
Verde arvoredado sombrio
Aqui mostra o fruto, a flor.
Que lugar encantador!
Que lugar, que vale tanto!
Só me faltais neste encanto,
Meigos sorrisos de amor.

Tempestades esbravejam,
Fuzilam nuvens medonhas,
E as esperanças tardonhas
Já dentro do peito arquejam:
Subir aos astros forcejam
Mil sombras de negra cor;
Ah! Neste mal, neste horror,
Neste assanhado Oceano,
Sede Santelmos a Elmano,
Meigos sorrisos de amor.

Cípria, abrindo os ténues ares,
Das Graças a mãe formosa,
Desce na concha lustrosa
A superfície dos mares:
Lá se encolhem os pesares,
Lá se vai sumindo a dor;
O desespero, o pavor
A seus lindos olhos cedem;
Lá vem Vénus, e a precedem
Meigos sorrisos de amor.

XIV

Terno amor, doce amizade.

GLOSAS

Desde que o mundo é composto,
Os seus refrigerios são
Dois bens que no peito estão
E que aparecem no rosto:
São dois princípios de gosto
Precisos à Humanidade;
Ambos atraem a vontade
Com seus mimos feiticeiros;
Ah!, sede meus companheiros,
Terno amor, doce amizade.

Jove, imenso criador,
Para os mortais se sorriu
Eis que das mãos lhe caiu
No mundo amizade e amor:
Soltando o alto clamor
De que treme a eternidade,
Disse à triste humanidade:
«Atento a vossos queixumes.
Aí vos mando dois Numes,
Terno amor, doce amizade.»

Amei o sexo mimoso,
Amei o sexo constante,
Fui amigo, e fui amante,
E nunca fui venturoso:
Nunca vi peito extremoso
Ornado de lealdade;
Achei sempre a falsidade
Neles e nelas; e assim
Não nascestes para mim,
Terno amor, doce amizade.

O bom Mirtilo morreu,
Morreu com ele áureo estilo,
E Lília a par de Mirtilo
À fria terra desceu;
O mundo nos dois perdeu
Bens de suma qualidade,
Ficou pobre a Humanidade,
Esvairam-se os affectos,
E já não tendes objectos,
Terno amor, doce amizade.

XV

O painel da Natureza.

GLOSAS

Minha sorte foi brilhante,
Minha sorte é hoje triste;
Nestas mudanças consiste
A sorte de todo o amante:
Sumiu-se a Lua radiante,
Que estava em fulgor acesa;
Minha dor, minha tristeza
Com mil reflexões misturo,
Vendo ora claro, ora escuro
O painel da Natureza.

O Olimpo, assustando a Terra.
Dando-lhe mortais desmaios,
Raios em cima de raios
Das entranhas desencerra:
Os elementos em guerra
Blasonam mútua braveza;
Neste horror, nesta graveza,
Que não cede, não se acalma,
É o quadro da minha alma
O painel da Natureza.

XVI

A mulher é bem e mal.

GLOSAS

De vária cor se tingiu
Fado, que pode o que quer,
E unido à recém-mulher,
A vária cor lhe imprimiu:
Súbito o mundo luziu
C'o objecto divinal,
E sobre a estância fatal,
Sobre o triste globo errado,
Segundo o matiz do Fado,
A mulher é bem e mal.

Não haja no mundo alguém,
Que, com um ou outro affecto,
Chame à mulher mal completo,
Ou chame completo bem:
Nada disto lhe convém
Por um sistema formal;
Como em tudo é desigual,
Causa gostos e dá ânsias;
E em diversas circunstâncias
A mulher é bem e mal.

XVII

De quanto é capaz Amor!

GLOSA

Lília, sabe em teoria,
Para que discreta fales,
Quantos bens e quantos males
Amor sobre a Terra envia:
Conhece que a simpatia
É o princípio motor
Do gosto e do dissabor;
Mas, ninfa de alta excelência,
Não saibas por exp'riência
De quanto é capaz o Amor!

XVIII

Os duros grilhões de Amor.

GLOSA

Vejo-te a face mimosa,
Porque a tanto Amor se atreve;
Vejo sorrir dentre a neve
Uma rosa, e outra rosa;
Vejo-te a mão preciosa,
Que tem dos jasmins a cor;
Vejo-te o rosto inda em flor,
Que é íman do meu desejo;
E adoro, idolatro, beijo
Os duros grilhões de Amor.

XIX

Dos Lusos a glória herdada.

GLOSAS

Nasci no tempo ferrenho,
E apenas razão me move;
Grito aos Céus, exclamo a Jove:
«Ó Jove! Em que tempos venho!
Um despenho, outro despenho
Me apresenta a sorte irada;
Minha essência colocada
Está no ponto mais baixo;
Já não vejo, já não acho
Dos Lusos a glória herdada.»

As nossas armas brilharam
Pondo ao Universo espanto,
E as letras puderam tanto,
Que as armas mesmo eclipsaram:
Os nossos timbres voaram
Pela massa organizada;
E o grão monstro, que inda brada
Lá no promontório seu,
Fero Adamastor, temeu
Dos Lusos a glória herdada.

XX

Da terra caí no chão.

GLOSA

Andei por mar e por terra,
Pela Índia e pela China,
Aturei fome canina
Com que muita gente berra;
Suportei de Amor a guerra,
Tive uma certa paixão.
E outros males que são
Próprios de quem sabe amar;
Só me faltava glosar:
Da terra caí no chão.

XXI

Almas, vidas, pensamentos.

GLOSA

Calções, polainas, sapatos,
Percevejos, pulgas, piolhos,
Azeites, vinagres, molhos,
Tigelas, pires e pratos:
Cadelas, galgos e gatos,
Pauladas, dores, tormentos,
Burros, cavalos, jumentos,
Naus, navios, caravelas,
Corações, tripas, moelas,
Almas, vidas, pensamentos.

DÉCIMAS EM GLOSA DE DÍSTICOS

(Colcheias)

I

*Anália não é perjura,
Anália cede o seu fado.*

GLOSAS

Julguei desumana e dura
Minha amada, e sinto horror
Depois que me disse Amor:
*«Anália não é perjura.
Se o poder da desventura
Seu ardor tem subjugado,
E se um vínculo sagrado
A liberdade lhe prostra,
Quando em si crenças lhe mostra,
Anália cede a seu fado.»*

Foi altar a sepultura,
Disse-me: «Juro, por esta
Medonha estância funesta,
Anália não é perjura.»
Inda Anália em cinza escura
Sentirá o ardor sagrado;
Ali será requintado
O extremo da sua ardência,
Inda que aqui na aparência
Anália cede a seu fado.

II

*Elmano por ti amado
Não teme o rigor da Sorte.*

GLOSA

Se foi dos homens cantado,
Se teve louvor outrora,
Como há-de ficar agora
Elmano por ti amado!
Irá ter a um grau sagrado,
Aceso em almo transporte;
Não será sujeito à morte
Seu coração, seu talento;
E, firme em tal pensamento,
Não teme o rigor da Sorte.

III

Aónio, Jónio e Elmano
São de Amor adoradores.

GLOSA

O Fado, o Fado tirano,
Quis feroz, quis violento
Arrojar no esquecimento
Aónio, Jónio e Elmano.
Eis o austero Desengano,
Chefe dos Deuses melhores,
Lhe diz: «São vãos teus furores,
Não lhe aniquilas a essência,
Têm contra ti resistência,
São de Amor adoradores.»

IV

*Depois de te haver criado,
A Natureza pasmou.*

1.^{as} GLOSAS

A mãe, que em berço dourado
Pôs teu corpo cristalino,
É sup'rior ao Destino,
Depois de te haver criado.
Quando Amor, o Nume alado,
Tua infância acalentou,
Quando os teus dias fadou,
Minha Lília, minha amada,
A mãe ficou encantada,
A Natureza pasmou.

Deve dar breve cuidado,
Motivar grande atenção,
A um Deus a criação,
Depois de te haver criado.
Deve de ser refinado
O engenho que ele mostrar
Desde o ponto em que criar;
Cuide nisto a onnipotência,
Porque, ao ver a sua essência,
A Natureza pasmou.

2.^{as} GLOSAS

aos mesmos vasos

Ao mesmo Céu não é dado
(Bem que tanto poder goza)
Criar coisa tão formosa
Depois de te haver criado.
Naquele instante dourado,
Em que teus dotes formou,
Apenas os completou,
Arengando-lhe o Destino,
Em um êxtase divino
A Natureza pasmou.

O Céu nos tem outorgado
Quanto outorgar-nos podia;
O Céu que mais nos daria
Depois de te haver criado?

Ninfa, das Graças traslado,
Ninfa, de que escravo sou,
Jove em ti se enfeitiçou,
Cheio de espanto e de gosto,
E absorta no teu composto
A Natureza pasmou.

O teu rosto é adornado
Dos prodígios da beleza;
Foi um deus a Natureza
Depois de te haver criado.
Pôs em teu rosto adoçado
O que nunca o Céu formou;
Ela a Jove envergonhou
Nesse deleitoso espanto,
E de ter subido a tanto
A Natureza pasmou.

Todo o concílio sagrado
Do almo Olimpo brilhador.
Subiu a grau sup'rior
Depois de te haver criado.
Da meiga Vénus ao lado
O teu ente a nós baixou.
Ente que Jove apurou,
Ente de todos diverso;
Assombrou-se o Universo,
A Natureza pasmou.

V

*Os erros da educação
Extraem de amor delitos.*

GLOSAS

Estes, Manha, estes são
Os males que o Céu nos fez;
São os erros em que crês,
Os erros da educação.
Por mais que o meu coração
E o teu desatem mil gritos,
Os hipócritas malditos,
Os que têm tartárea voz,
Ai!, armados contra nós,
Extraem de amor delitos.

Sobre a humana geração
Têm suprema autoridade
Contra as tuas leis, Verdade,
Os erros da educação.
Some-se a luz da razão
Em preceitos infinitos;
De mortais negros peritos
Duna voz o amor condena;
Extraem fel da açucena,
Extraem de amor delitos.

VI

*A Natureza premeia
Quem as suas leis adora.*

GLOSA

Quanto o fanatismo odeia
Co'a voz, que altera e que engrossa,
Tanto a Natureza adoça,
A Natureza premeia.
Não quer alma fofa e cheia
Duma ambição, que a devora;
Quer o amante, que a implora,
Que em pranto as faces alaga;
Acarinha, ameiga, afaga
Quem as suas leis adora.

VII

*As setas que Amor dispara,
Se as tu não tocas, são nada.*

GLOSA

Branda maravilha rara
Do orbe, cujo império gozas,
Tu fazes mais poderosas
As setas que Amor dispara.
Ele, que os Deuses encara
Na estelífera morada,
Pende de ti, minha amada,
Em seu poder, sem escudo;
E as setas, que vencem tudo,
Se as tu não tocas, são nada.

VIII

*Quem vê de Anália o semblante
Julga ver a mãe de Amor.*

GLOSAS

Fica cego e delirante,
Veneno em néctar destila,
Abrasa-se e se aniquila
Quem vê de Anália o semblante.
Ela surge triunfante
Sobre as plumas do louvor,
E desse mesmo fulgor
Donde os corações conquista,
Quem de cá debaixo a avista
Julga ver a mãe de Amor.

A Primavera brilhante
Vem ver a origem da vida;
Vê toda a terra florida
Quem vê de Anália o semblante.
Mas inda não é bastante
Este aplauso, este louvor:
Quem seu gesto encantador
Olha, de graças portento,
Naquele etéreo momento
Julga ver a mãe de Amor.

Duro nó, nó de diamante,
Que horrível jugo nos traz,
Impetuoso desfaz
Quem vê de Anália o semblante.
Embora a virtude cante
Por triunfo extinto ardor,
Que, em atentando o amador
Num rosto mais que as leis forte,
Esquece-se da consorte,
Julga ver a mãe de Amor.

IX

Mimos, carinhos, finezas
Reuniu em ti Amor.

GLOSA

Maravilhas e estranhezas
Te deram as Graças belas.
E vincularam com elas
Mimos, carinhos, finezas.
Eis, eis mil chamas acesas
Em um, em outro amador;
Não, não cabem no louvor,
Ó Lília, os encantos teus:
Quanto em si reúne um deus
Reuniu em ti Amor.

X

*Elmano foi mais que um Deus;
Hoje é mísero mortal.*

GLOSAS

Quando entre os carinhos teus
Gozou dos bens a excelência,
Elmano despiu a essência,
Elmano foi mais que um Deus:
Entranhou-se pelos Céus,
Foi ao cume divinal,
A Júpiter viu-se igual,
Falou-lhe a felicidade;
Volveu à humanidade,
Hoje é mísero mortal.

Desenganai-vos, ateus,
Vede a vossa insipiência;
Eu vos mostro a onnipotência,
Elmano foi mais que um Deus:
Eia, acreditai os Céus,
Crede no bem divinal;
Mas, oh pranto!, oh dor!, oh mal!
Tomai à incredulidade,
Porque quem foi divindade
Hoje é mísero mortal.

XI

*Quem meus extremos condena
Não ofende o meu amor.*

GLOSA

Não é da massa terrena,
Não pertence à redondeza,
Mãe não chama à Natureza
Quem meus extremos condena.
Da ninfa que excede Helena,
De Páris e Tróia ardor,
Não reconhece o valor,
A graça, o mimo, o regalo,
Quem não pode avaliá-lo
Não ofende o meu amor.

XII

*Em amor não sofre iguais
Paulino, exemplo de amor.*

GLOSAS

Os meus extremos são tais,
Que levam a tudo a palma;
Original, a minha alma
Em amor não sofre iguais.
Peço aos sensíveis mortais
Mais justiça que favor:
Em sentido extremo horror
Num epitáfio a verdade
Inculque à posteridade
Pau uno, exemplo de amor.

No orgulho abafando os ais
Clamei ao género humano:
«Entre vós somente Elmano
Em amor não sofre iguais.»
Eis que o Númen, dos mortais
Indisputável senhor,
Me diz com agro clamor:
«Enfunado amante, escuta,
Vê que a glória te disputa
Paulino, exemplo de amor.»

XIII

*Flagelam-me agros ciúmes,
Tiranos zelos me matam.*

GLOSA

Todo sou dor, sou queixumes,
Ao que sofro não resisto;
Venenosa origem disto,
Flagelam-me agros ciúmes.
Da razão activos lumes
Eles sufocam e empatam;
Os fios vitais desatam;
Na essência de infausto amante
Cheguei ao último instante;
Tiranos zelos me matam.

XIV

*Caíam sobre mim os raios,
Se eu deixar de ser amante.*

GLOSA

Venham ânsias e desmaios,
Quanto tem a Morte fera,
Rebente a azulada esfera,
Caíam sobre mim os raios.
Faça Jove, faça ensaios
Do seu poder fulminante,
Caia o fogo crepitante,
Que vem dos pólos eternos,
Converta-me nos Infernos,
Se eu deixar de ser amante.

XV

*Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.*

GLOSAS

Peço aos Céus alto favor
Que toca ao supremo excesso;
Eternidades não peço,
Um só momento de amor.
Este deus, este senhor
Da vida, do tempo e fado,
Este Númen transformado
No ente que chamam mulher,
Pode tudo quanto quer,
Faz feliz um desgraçado.

Movido da minha dor,
O autor dos males e bens
Disse-me um dia: «Aqui tens
Um só momento de amor.
Não julgues pouco valor
No donativo sagrado;
Em sendo a Lília anexado,
Por glória dum terno amante,
De amor o mínimo instante
Faz feliz um desgraçado.»

XVI

*Se Elmano geme de amor,
A sorte de Anália o manda.*

GLOSA

Não é falta de favor,
Não penúria de carícias.
Não carência de delícias,
Se Elmano gente de amor.
Ele já teve o penhor
Que os males todos abranda;
Venceu a inveja nefanda,
Num bem que não cede à morte;
E, se chora a sua sorte,
A sorte de Anália o manda.

XVII

*Mortal que teus mimos goza
Disputa co 'a divindade.*

GLOSAS

Alta influência amorosa,
Milagroso e doce lume,
Ah! Tu convertes em Nume
Mortal que teus mimos goza.
Mal que a alma sequiosa
Embebes na eternidade,
Mal que prova a imensidade
De almo, indizível prazer,
Faz o que deve fazer:
Disputa co 'a divindade.

Quantas fragrâncias a rosa
Entre os Favónios aspira,
Tantos perfumes respira
Mortal que teus mimos goza.
Sobe à esfera venturosa
Onde tudo é claridade,
Muda ali de qualidade,
Todo o Céu em si reúne,
E, não farto de ser Nume,
Disputa co 'a divindade.

Sei que à morte pavorosa
Também feudo eu pago, eu dou;
Mas também, Marília, eu sou
Mortal que teus mimos goza.
Ê mais que todas honrosa,
Sublime esta dignidade,
Não pareça atrocidade,
Sacrílego atrevimento,
Se um, como eu, no pensamento
Disputa co 'a divindade.

Ouve, Marília formosa,
Composto de riso e neve,
Quanto ao mesmo Fado deve
Mortal que teus mimos goza.
Disse-me a voz estrondosa,
Que perpassa a eternidade:
«Tu, que estás na humanidade,
Como és de Manha amado,
Vai, vai ser órgão do Fado,

Disputa co' a divindade.»

Quanto (ó Céus!) é milagrosa
Paixão, que adorar se deve,
E a quanto, ó Lília, se atreve
Mortal que teus mimos goza!
Sonha a paixão amorosa
Que se despe a humanidade;
Jove deve ter piedade
Se comete doce engano,
Se audaz pensamento humano
Disputa co' a divindade.

XVIII

*Em amor não há limite,
Todos fogem à razão.*

GLOSA

Queres, Marília, que evite
De amor o mui louco excesso?
Marília, perdão te peço:
Em amor não há limite.
Por mais que a razão me dite
Sisuda moderação,
Vai sempre avante a paixão,
Buscando seu doce fim;
Os amantes são assim:
Todos fogem à razão.

XIX

*A minha antiga alegria
Bateu as asas, voou.*

GLOSA

Das veias o sangue esfria,
O coração não descansa,
Apenas trago à lembrança
A minha antiga alegria.
De mil glórias algum dia
Meu pensamento adornou;
Mas, quando mais me encantou,
Quando a julguei mais segura,
Qual relâmpago, a ventura
Bateu as asas, voou.

XX

*Como vive quem não vive
Com quem deseja viver.*

GLOSA

Depois que a desgraça tive
De perder a bela Armia,
Fiquei qual estátua fã,
Como vive quem não vive.
O céu da vida me prive,
O meu desejo é morrer;
Que se não pode sofrer
Da vida nem um instante,
Quando não vive um amante
Com quem deseja viver.

XXI

*A vida dum desgraçado
É pior do que morrer.*

GLOSA

Carrancudo, horrível Fado,
Númen feroz, iracundo,
De que te serve no mundo
A vida dum desgraçado?
É à morte comparado
O meu infausto viver...
Mas eis me sinto tremer,
Eis ouço voz desabrida,
Que diz: «Mentes, essa vida
É pior do que morrer.»

XXII

*Eu vi nos braços da Aurora
O Sol tremendo com frio.*

GLOSA

Se isto vai de foz em fora,
Também com luz diamantina
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da Aurora.
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio
Ver os efeitos do cio,
Cantar modas um macaco,
A Lua a tomar tabaco,
O Sol tremendo com frio!

DÉCIMAS EM GLOSA DE QUADRAS

I

*Que eu fosse enfim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda:
Triste do meu coração!*

GLOSA

Três vezes sobre meus lares
Vozeou, quando eu nascia,
Ave que aborrece o dia,
Que prevê cruéis azares:
Amor dividira os ares
De seus tormentos cercado;
À funda estância do Fado
O voo havia abatido;
E ambos tinham resolvido
Que eu fosse enfim desgraçado.

– Esse, que os primeiros ais
Vai soltar triste e choroso,
Seja à Fortuna odioso,
Seja prezado aos mortais.
Dos mimos de Amor jamais
Desfrute a consolação;
Ame, porém ame em vão,
Ferva-lhe na alma o ciúme.
Isto no horrendo volume
Escreveu do Fado a mão.

Cresci, cresceram comigo
Meus danos, e num transporte
Curva maga a ler-me a sorte
Com roucas preces obrigo:
Eis que toma um livro antigo,
Abre, vê, folheia, estuda,
'Té que me diz carrancuda:
«Nos caracteres que olhei
Fim ao teu mal não achei:
Lei do Fado não se muda.»

Absorto, convulso e frio.
Deixo de erriçada grenha
A Fúria em côncava penha,
Seu lar medonho e sombrio:
Debalde luto e porfio

Contra a Sorte desde então.
Céus! Não achar compaixão!
Céus! Amar sem ser amado!
Bárbara lei do meu fado!
Triste do meu coração!

II

*Se amor vive além da morte,
Constância eterna hei-de ter;
Se amor dura só na vida,
Hei-de amar-te até morrer.*

GLOSA

Fui onde o sábio Fatino,
Vate pelos anos curvo,
Rompe o véu tapado e turvo,
Que envolve as leis do Destino:
Entro a gruta, a fronte inclino,
E exclamo em vivo transporte:
«Ó tu, que falas co'a Sorte,
Eia, dize ao mais constante,
Ao mais abrasado amante,
Se amor vive além da morte.»

Anália, deusa na face,
Deusa até no coração,
Temeu que a minha paixão
Como as outras desmaiasse:
Para que o meu bem deixasse
De vacilar, de gemer,
Abalancei-me a dizer:
«Despe, amada, um vão temor,
Que por milagre de Amor
Constância eterna hei-de ter.»

«Talvez foi voto indiscreto. . .
Proseguia; eis meneando
O grão velho venerando
Três vezes seu grave aspecto:
«Que não ousa um louco affecto!
(Me diz com voz desabrida).
Alma insana, alma atrevida,
Há quem confie, há quem jure.
Que amor entre cinzas dure,
Se amor dura só na vida!»

«Doido amante alucinado,
Como há-de a paixão, como há-de
Ir alterar a igualdade
Que aos entes impôs o Fado?
Não há permanente estado,
O Nada provém do Ser;
Torna, vai-te desdizer,

E faze o teu voto assim:
– Mais poder não cabe em mim,
Hei-de amar-te até morrer.»

III

*Defender os pátrios lares,
Dar a vida pelo Rei,
É dos Lusos valorosos
Carácter, costume e lei.*

GLOSA

Fernando avilta o brasão
De eternos avós herdado;
Fernando, a delícias dado,
Perde glória e coração.
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes pesares,
E vai co'a tremenda espada,
Co'a glória ressuscitada,
Defender os pátrios lares.

Correm tempos, e o destino
De Lísia outra vez se altera:
No berço Belona fera
Bafeja real menino.
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei:
Ai! Segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
Dar a vida pelo Rei.

Cai o moço miserando
Sobre as bárbaras areias;
Rebenta o sangue das veias,
Inda vitória anelando:
Férreo jugo, intruso mando
Nos turva os anais lustrosos:
Série de tempos nub'losos,
Que a Roma cadeias lança
(Bem como os da glória), herança
É dos Lusos valorosos.

Rompe enfim de Lísia o sono
Alto impulso repentino,
E o novo bragantino
Reluz no remido trono:
Ó Lusos! Celeste abono
Verificai, merecei;
Duro assalto removei;

Jus vos dão para a vitória
Um Deus, a Razão, a História,
Carácter, costume e lei.

IV

*Perguntei a Amor e à Sorte
Se tem remédio o meu mal;
Respondeu-me em tom severo
Que o não tem, porque é mortal.*

GLOSA

Eu, que sinto o peito arder
Na pura neve de Isbela,
Que um volver dos olhos dela
Não posso ao menos obter;
Cansado enfim de sofrer
Vida pior do que a morte,
Em paixão tão cega e forte
Que já passa a desatino,
Qual seria o meu destino
Perguntei a Amor e à Sorte.

«Nunes! Poderosos Nunes!
(Clamaram meus lábios tristes)
Vós, que de mim sempre ouvistes
Brados, suspiros, queixumes;
Vós, que as ânsias, os ciúmes
Lançais nesta alma leal;
Vós, que permitis que um tal
Incêndio me ofenda e queime,
Ali!, consolai-me, dizei-me
Se tem remédio o meu mal.»

Disse, e logo o Deus alado
Que Céus e Terra avassala,
Com voz soberba assim fala
À Deusa, que tinha ao lado:
«Deste amante o cruel fado
Que exponhas, ó Sorte, eu quero;
Ergue a voz, pois te assevero
Que o seu pranto me importuna.»
Calou-se Amor, e a Fortuna
Respondeu-me em tom severo:

«Tu, que dourada corrente
Toleras, mostras, arrastas;
Que os dias e as noites gastas
Em choro infeliz e ardente;
Tu, que buscas finalmente
Remédio pronto e cabal
À tua dor sem igual;

Sabe, para teu terror,
Que o não tem, porque é de Amor,
Que o não tem, porque é mortal.»

V

*O tempo que Amor perdeu,
Finezas mal merecidas,
Promessas nunca cumpridas,
Nada disso choro eu.*

GLOSA

Graças aos Céus, já não sinto
Aquela viva paixão,
Das liberdades prisão,
Dos corações labirinto;
já não lamento, nem pinto
Cruzas do génio teu;
A verdade enfim rompeu
Trevas desse engano antigo;
Nem já me lembra contigo
o tempo que Amor perdeu.

Reina em meu peito a alegria,
Minha alma de todo é sua;
Brilhe o Sol ou gire a Lua,
Chegue a noite ou venha o dia:
Sinto em dura antipatia
Minhas paixões convertidas;
Em mil vozes desabridas
Troquei por justas razões
Amorosas expressões,
Finezas mal merecidas.

Virtude, só teus altares
Incensarei com fervor,
Proferindo contra Amor
Imprecações a milhares;
Loucuras, ânsias, pesares
Ele causa às tristes vidas;
E, quando glórias subidas
Jura dar ao coração,
As suas promessas são
Promessas nunca cumpridas.

Queixe-se embora do Fado
Aquele que vê, que alcança,
Em vez de ternura, esp'rança,
Desprezo, rigor, enfado;
Chore-se qual desgraçado
O que a vontade rendeu,
Sabendo que vive o seu

Rival nos braços da amada;
Chore-se embora, que nada
Nada disso choro eu.

VI

*Pondo a mão nas sacras aras
Tu juraste, e eu jurei;
Cuida tu em ser constante,
Que eu à fé não faltarei.*

GLOSA

No templo do Nume alado
Cujas leis adoro e sigo,
Entrei, Marília, contigo
De verde mirto c'roado.
Ali jurei ao teu lado
Vivo amor, finezas raras;
E, tintas as faces claras
Do purpúreo pejo honesto,
Tu fizeste igual protesto
Pondo a mão nas sacras aras.

Cupido a fronte meneia,
E, pago da jura amante,
Co'um sorriso no semblante
O seu prazer patenteia:
À multidão que o rodeia,
Escrava da sua lei,
Tu ouviste, eu escutei
Hinos mil, Manha amada,
Louvando a fé, que prostrada
Tu juraste, e eu jurei.

Áureo turíbulo então
Pronto ministro nos dá;
Mutuamente o movem já
A minha e a tua mão;
Perturbando os ares vão
Nuvens de incenso fragrante;
E do sólio de diamante
Diz Amor a mim, e a ti:
«Guarda o voto que te ouvi,
Cuida tu em ser constante.»

Eu, com a voz do respeito
Ardendo em férvido lume,
Lhe respondo: «Ó Gnídeo Nume,
Nume a quem vivo sujeito!
Dos votos que tenho feito
Eu jamais me esquecerei;
Dos Deuses o pai e o rei

Com raios o mundo estrague,
O Céu caia, o Sol se apague,
Que eu à fé não faltarei.»

VII

*Só o nome de Maria
Inconstância quer dizer;
A mulher que assim se chama
Ingrata sempre há-de ser.*

GLOSA

É desatino, é loucura
No mundo haver quem pretenda
Que até dos nomes dependa
A condição meiga, ou dura;
Mas, bem que esta conjectura
Tem visos de errada e fria,
Eu não sei que antipatia,
Que desgosto, que aversão
Desperta em meu coração
Só o nome de Maria!

Jamais o Númen vendado
Alcançou de mim vitória,
Jamais fundei minha glória
Na posse de um puro agrado;
Mas se por força de fado
Chegar um dia a querer,
Ninguém me verá morrer
Pelo nome de Maria,
Pois, se por «luar» principia,
Inconstância quer dizer.

Lício, de quem longos anos
A crespas cerviz humilham,
E em cujo aspecto já brilham
A montões os desenganos,
Diz que é causa de mil danos,
Que mil discórdias derrama,
Que é fúria pelo que inflama,
Que é crocodilo no pranto,
Sereia na voz, no canto
A mulher que assim se chama.

Vós, pois, que as aras beijais,
E a quem eu meus votos nego,
Vós, que insanas leis de um cego
Tão cegamente adorais,
Se não quereis de vãos ais
Os ares subtis encher,
Vede a quem ides render

Vossa interna idolatria,
Que toda a que for Maria
Ingrata sempre há-de ser.

VIII

*Eu quero bem à Desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho aversão à Ventura,
Que no melhor me faltou.*

GLOSA

Deuses, comigo indignados,
Meneando a sacra mão,
Vertei no meu coração
Milhões de acerbos cuidados;
Exemplar dos malfadados
O vosso rigor me faça;
Persiga-me a Sorte escassa,
Que não me obriga a queixume;
Não, Deuses, não; por costume
Eu quero bem à Desgraça.

Esta deidade sombria,
Em cujo lívido rosto
Nunca resplandece o gosto,
O riso, a paz, a alegria,
Apenas a luz do dia
Os olhos meus ilustrou,
Entre os braços me apertou,
Ao peito me trouxe unido,
E tão leal me tem sido,
Que sempre me acompanhou.

Satisfaz-se o meu desejo
Quando nos cândidos ares
Denso tropel de pesares
Correr a buscar-me vejo.
Ventura, não te festejo,
Vai-te, outras almas procura;
Vai-te, que de ti murmura
Meu infeliz coração;
Tenho ao prazer aversão,
Tenho aversão à Ventura.

Desgraça, Númen imenso,
Tu, tu que desejas tanto,
Em vez dos hinos, o pranto,
Os ais em lugar do incenso,
Vê que com affecto intenso
Minha alma e vida te dou;
Nunca jamais (pois teu sou)

Desprezes a quem te abraça,
Não se diga da Desgraça
Que no melhor me faltou.

IX

*A Razão manda que eu parta,
Amor me quer demorar;
Minha Sorte é quem decide
E me obriga a separar.*

GLOSA

A Razão, fulgente Nume,
Que o vício torpe intimida,
Baixou dos Céus atraída
Pelo som do meu queixume.
Vendo esta alma por costume
De suspirar nunca farta,
Vendo enfim que não coarcta
Márcia a sua tirania,
Da presença desta impia
A Razão manda que eu parta.

Mas Amor, de cuja mão
'Té Jove teme o castigo,
Amor, feroz inimigo
Da Virtude e da Razão,
Com um leve turbilhão
Armado fendendo o ar,
A Deusa corre a buscar,
Que a meu lado afável sente,
E, se ela quer que eu me ausente,
Amor me quer demorar.

Arma então disputa forte
Uma e outra divindade,
Na Razão brilha a verdade,
Em Amor louco transporte;
Eu, que os vejo desta sorte
Sem que um ao outro intimide,
Lhes digo: «Não mais se lide,
Dignai-vos de me seguir;
Se hei-de ficar, ou partir,
Minha Sorte é quem decide.»

Fomos, pois, da Sorte ao templo,
E mal que os altares beijo,
Os olhos turvos lhe vejo,
Triste o rosto lhe contemplo.
Ela exclama: «Infausto exemplo
De quantos sabem amar,
Faze o que a Razão mandar.»

Disse; e, apesar da porfia
De Amor, a Razão me guia,
E me obriga a separar.

X

*Basta, pensamento, basta;
Deixa-me enfim descansar;
Um bem que ser meu não pode
É um tormento lembrar.*

GLOSA

Desvelado pensamento,
Que a minha mágoa requintas,
Quando em ilusões me pintas
Suave contentamento:
Se um dever duro e violento
Do bem que adoro me afasta,
Se bárbara lei contrasta
Os desejos da paixão,
De enganar-se o coração
Basta, pensamento, basta.

Nise em braços de um tirano
Mesmo a seu pesar suspira,
Enquanto geme e delira
Longe dela o triste Elmano:
O meu rival goza ufano
A dita mais singular;
E, se a dor de o invejar
Tu me excitas, pensamento,
Em profundo esquecimento
Deixa-me enfim descansar.

Bem, que se não goza, anseia;
Não me presentes, memória,
A perda da minha glória
Na imagem da glória alheia:
Nise arrasta uma cadeia
Que só a monte sacode,
E por isso não me acode,
Nem me paga a simpatia
Um bem que ser meu devia,
Um bem que ser meu não pode.

Pensamento namorado,
Não promovas minha pena;
Ceda-se ao que o Fado ordena,
Que ninguém resiste ao Fado:
Alto prazer suspirado,
Que se não pode alcançar,
Porque, em se não desfrutar,

Deixa enfim de ser prazer,
É uma dita esquecer,
É um tormento lembrar.

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
